

POVOAMENTO PRÉ-HISTÓRICO DA ILHA DE SÃO LUÍS-MARANHÃO: SÍNTESE DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS E HIPÓTESES PARA COMPREENSÃO DESSA PROBLEMÁTICA

Arkley Marques Bandeira-PPG-MAE-USP

INTRODUÇÃO

Dados históricos e etnográficos apontam que a Ilha de São Luís, Estado do Maranhão, foi densamente habitada por uma diversidade de povos indígenas no momento do contato abrupto e violento com os colonizadores europeus. Esse quadro contrasta com um desconhecimento quase total sobre o povoamento pré-colonial dessa região, visto que diferentemente de outros Estados do Brasil, o Maranhão não dispõe de informação arqueológica suficiente para compor um quadro mínimo sobre as ocupações pré-coloniais de seu território. Essa problemática torna-se mais desoladora quando se percebe a escassez de fontes bibliográficas referentes ao período pré-contato e a quase ausência de profissionais envolvidos em pesquisas arqueológicas no Estado.

Apesar disso, importantes pesquisadores brasileiros apontam a importância do atual território maranhense, mais precisamente da Ilha de São Luís, como uma área chave para entender a dispersão de populações amazônicas em direção ao Nordeste, tanto pelo litoral, como pelo interior do Estado, visto que essa área representa uma zona limítrofe de culturas passadas, tanto do Nordeste, como da região Amazônica.

ARQUEOGRAFIA SOBRE AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO MARANHÃO

As primeiras considerações acerca da produção de conhecimento sobre a pré-história maranhense coincidem com o período em que PROUS (1992) classifica como *intermediário* (1910-1950), cujas pesquisas eram praticadas por pessoas interessadas, pertencentes a profissões diversas, mas sem formação científica especializada. Destacam-se nesse momento as publicações de Raimundo Lopes, *Civilização lacustre do Brasil* (1924) e *O Torrão Maranhense* (1970); de José Silvestre Fernandes (1950), *Os Sambaquis do Nordeste* e Olavo Correia Lima (1970), *Pré-História Maranhense*.

É somente no âmbito de um projeto arqueológico maior para a Amazônia Legal que as primeiras pesquisas arqueológicas de cunho científico e com uma problemática de estudo bem definida se desenvolveram na Ilha de São Luís. Trata-se das atividades realizadas na Ilha de São Luís por Mário Ferreira Simões, que desenvolveu o *Projeto São Luís* (novembro-dezembro de 1971), que tinha como cerne correlacionar e comparar os sambaquis residuais da Ilha de São Luís com os do litoral leste brasileiro e litoral paraense (SALGADO), visando entender a dispersão de populações coletoras-pescadoras-ceramistas por todo o litoral setentrional, a partir da investigação dos vestígios arqueológicos, principalmente o cerâmico.

Os resultados de Simões indicaram que sambaquis do Pará e Maranhão possuíam cerâmica em camadas profundas, que foi classificada em uma tradição regional ceramista denominada de Mina. Quanto aos sítios, aquele pesquisador concluiu que foram construídos e habitados por um grupo perfeitamente adaptado ao ambiente marinho litorâneo com subsistência básica apoiada na coleta de moluscos e pesca, portadores de nível cultural de padrão formativo, comprovado pela presença de vários traços diagnósticos tipicamente formativo em sua cerâmica.



Cerâmica Mina, nota-se as conchas trituradas e utilizadas como antiplástico. Foto: Arkley Bandeira

Simões inferiu uma dispersão no sentido Norte-Leste de grupos ceramistas adaptados ao ambiente litorâneo, desde a Colômbia (Puerto Hormiga), passando pela Guiana (Fase Alaka), Leste do Pará (Fase Mina), Maranhão até o Recôncavo Baiano (Fase Periperi). Parecem corroborar nessa assertiva as datações por C-14 já obtidas: Puerto Hormiga – 3000 a. C.; Fase Mina – 2800 a 1600 a. C.; Fase Peripiri – 1000 a 800 a. C.

O PROJETO DE PESQUISA O SAMBAQUI DO BACANGA NA ILHA DE SÃO LUÍS-MARANHÃO: UM ESTUDO SOBRE A OCORRÊNCIA CERÂMICA NO REGISTRO ARQUEOLÓGICO

O referido projeto, desenvolvido por esse pesquisador, tem como objetivo estudar o registro material das populações pescadoras-coletoras-caçadoras-ceramistas pré-históricas que habitaram o sambaqui do Bacanga, no município de São Luís, com ênfase na interpretação das estruturas arqueológicas e na análise tecnológica da cerâmica e o seu uso social, bem como no estudo dos demais vestígios arqueológicos evidenciados, a partir de escavações sistemáticas, com vistas a caracterizar o perfil sócio-cultural dos grupos humanos que habitaram esse sítio.

Com relação à situação geográfica, o sambaqui do Bacanga está localizado dentro dos limites do Parque Estadual do Bacanga, inserido na região norte do Estado do Maranhão, ocupando a área centro-oeste da Ilha de São Luís e parte da zona central do município de São Luís. Pertence a uma área próxima ao Equador, cuja linha dista apenas 02º 18' e abrange parte da área ao sul do núcleo central da sede do município de São Luís. As coordenadas geográficas do sambaqui do Bacanga são S 02º34'41.8" W 044º16'50.4".



Trincheira exploratória escavada no sambaqui do Bacanga. Foto: Arkley Bandeira.

A ausência de dados arqueológicos seguros para a área de pesquisa e as hipóteses iniciais sobre a ocorrência cerâmica em níveis profundos foram questões centrais na escolha da metodologia de coleta de documentação empírica. Após um minucioso levantamento topográfico que forneceu a extensão e a altimetria do sítio, optou-se por realizar quatro frentes de escavação em áreas de cotas variadas. Tais áreas foram denominadas de *área de escavação 1*, *trincheira exploratória*, *Perfil 1* e *perfil 2*.

Atualmente, os vestígios arqueológicos evidenciados no sambaqui estão em processo de análise. Entretanto, com base no conhecimento já acumulado sobre esse sítio, afirma-se que a ocorrência cerâmica está associada, principalmente, ao contexto de preparo e consumo de alimentos, a julgar pelas estruturas de combustão ou fogueiras decapadas, onde a cerâmica não estava apenas associada aos restos alimentares, como também compunha as estruturas de combustão, circundando as fogueiras.

Até o momento, supõe-se que o emprego social da cerâmica está pautado no seu uso utilitário, já que na primeira campanha de escavação não se obteve contextos arqueológicos em que a cerâmica pudesse atuar como um elemento simbólico, apesar da evidência de alguns fragmentos cerâmicos perfurados e outros claramente empregados como instrumentos para confecção dos recipientes cerâmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo caso, os estudos no sambaqui do Bacanga já permitiram rever algumas questões, outrora latentes na arqueologia brasileira, a exemplo de que cerâmica em sambaquis litorâneos só ocorreria nas camadas superficiais, pertencendo, portanto, a períodos mais recentes e com filiação cultural associada a outras populações pré-históricas que não os sambaqueiros. Além disso, as escavações nesse sambaqui favoreceram o estabelecimento de um contexto arqueológico inédito para o litoral maranhense, permitindo, a partir da produção de conhecimento, inserir os sambaquis do Litoral Equatorial Amazônico na pauta mais recente da arqueologia brasileira.